

SXSW INSIGHTS 2024

CURADORIA & CONTEÚDO

GoAd
MEDIA

OFERECIMENTO

 **uol**



nossa curadoria

O projeto **SXSW Insights 2024** foi desenvolvido a partir da curadoria dos jornalistas, *designers* e pesquisadores da **GoAd Media** no *South by Southwest*, realizado entre 4 e 16 de março, em Austin (Texas, EUA).

Palestras, debates, entrevistas e *social listening* alimentaram a construção das análises que compõem este relatório, que traz temas, ideias, nomes e movimentos exponenciados pelo evento.

Esta curadoria tem oferecimento do **UOL** e apoio da **Associação Brasileira de Anunciantes (ABA)** e conta, ainda, com os formatos *webinar* e *palestra in company*.

sumário

APRESENTAÇÃO_ 4

DE ONDE VEM A INOVAÇÃO? 8

CONTEXTO MACROTEMÁTICO_ 11

CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA 13

ACCOUNTABILITY 19

EIXOS TEMÁTICOS_ 22

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: UBIQUIDADE E RESPONSABILIDADE 24

COMPUTAÇÃO QUÂNTICA: SIMULAÇÕES DE FUTURO 34

COMPUTAÇÃO ESPACIAL: SOBREPOSIÇÃO DE REALIDADES 39

SAÚDE E BEM-ESTAR: *MEDTECH*, PSICODÉLICOS E ALIMENTAÇÃO 43

CULTURA E COMUNIDADES: *CREATORS* E PERTENCIMENTO 52

DIVERSIDADE E ACESSIBILIDADE: INCLUSÃO E NEUROFLEXIBILIDADE 60

EDUCAÇÃO: TECNOLOGIAS IMERSIVAS E BASE ESCOLAR ANTIRRACISTA 68

ENERGIA E CLIMA: GEOTERMIA E BIOECONOMIA 73

CIDADES E MOBILIDADE: MULTIFUNCIONALIDADE E SUSTENTABILIDADE 80

INNOVATION AWARDS_ 92

INICIATIVAS E PROJETOS MAIS INOVADORES DO ANO 94

APRESENTAÇÃO



Agenda multidisciplinar, ambiente propício ao *networking* e pensadores e celebridades nos palcos fazem do *South by Southwest* (SXSW) um dos encontros mais vibrantes da economia criativa mundial. Na edição deste ano, realizada entre 4 e 16 de março, a cidade de Austin (Texas, EUA) recebeu mais de 200 mil pessoas, que passaram pelos festivais *SXSW EDU*, *SXSW Film & TV*, *SXSW Music* e *SXSW Comedy*, além da *Conference*, que abarcou a maior parte do conteúdo distribuído em 24 trilhas temáticas. Não é pouca coisa – e é exatamente por conta desse intenso programa síncrono que o *South by* é único.



As diferentes pautas discutidas refletem o emaranhado de fios que convergem para a teia da contemporaneidade: tecnologia, política, educação e cultura. Dali, emergem narrativas. Ali, se desenham possibilidades de cocriação de futuros. De Austin, reverberam ideias e reflexões sobre um presente que se descortina de forma ampla e complexa.

Constantemente definido como “o maior festival de inovação do mundo”, o SXSW é uma experiência estruturada em distintas áreas de conhecimento que se entrelaçam, principalmente, sob a ótica dos negócios. Faltam diversidade e representatividade, além de discussões do Sul Global. Como muito se tem falado, o festival cresceu e perdeu seu caráter transgressor e vanguardista, mas, mesmo assim, ainda é um fórum importante, com bom conteúdo e narrativas emergentes.

Um dos grandes ativos do SXSW é reunir as pessoas no mesmo tempo e espaço, tornando Austin um dos lugares mais interessantes do mundo pelo menos por aquelas duas semanas, para aquelas 200 mil pessoas – e os mais de 2,5 mil brasileiros que tiveram o privilégio de estar lá.

Mais do que inovação, o festival promove conexão com pessoas, pensamentos e perspectivas. Promove também certa histeria, afinal, tudo precisa ser vivido e dividido porque “a felicidade só é real quando compartilhada”, já havia profetizado Christopher McCandless no longínquo ano de 2005: hoje, essa é uma onda culturalmente natural dos nossos tempos.

DE ONDE VEM A INOVAÇÃO?

Das experiências individuais de quem se aventura sozinho por Austin? Das trocas coletivas dos que preferem grupos com agendas síncronas? Dos que se jogam nos bares apostando que percepções são mais potentes do que reflexões? Dos que se acomodam nas poltronas a 2 mil quilômetros de distância e criticam o deslumbramento dos que lá estão? Dos artistas que invertem padronizações estéticas? Dos gurus que desafiam os pensadores? Dos aprendizes e curiosos que se abrem ao novo?



Quando a construção de futuros possíveis depende, integralmente, das escolhas do presente, é possível que a inovação venha dessa rede de jornadas e experiências – dos que foram, dos que não foram, dos que nem sabem o que significa SXSW. Mas que, impreterivelmente, compreendem que somos parte de um ecossistema conectado e interdependente – da natureza, da política, da educação, da tecnologia, das conexões, da arte, do afeto.



Possivelmente, as maiores inovações do mundo vêm da ciência, da sensibilidade de entender as necessidades humanas, do que nos diferencia da máquina, do que nos distingue do algoritmo. Certamente, a maior inovação de todos os tempos não virá do SXSW, mas da capacidade de cocriar hoje o que poderá nos salvar amanhã. Essa provocação, o festival é *expert* em fazer.

CONTEXTO MACROTEMÁTICO



A agenda temática do SXSW 2024 foi marcada transversalmente por dois fios condutores: convergência de tecnologias e conexões humanas. Os dois se entrelaçam e se retroalimentam nas similaridades e nos paradoxos. Como vivemos hoje sob os ganhos e danos da hiperconectividade, o festival sublinhou a urgência de se resgatar a intimidade e a empatia; preservar e aprimorar a consciência; e valorizar o afeto e o amor. São essas as características capazes de nos diferenciar das máquinas e nos levar a um futuro sustentável.

CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA

O fluxo da convergência tecnológica se materializou, principalmente, na aguardada sessão de Amy Webb, fundadora e CEO do Future Today Institute. No seu *Tech Trend Report 2024*, a futurista mostra que a Inteligência Artificial já é tão onipresente nos negócios e na vida das pessoas que se integra a interfaces e dispositivos, consolidando a era dos ecossistemas conectados. *Wearables*, óculos de realidades estendidas, *chips* e outros *gadgets* se apresentam como extensões do corpo e das nossas casas, coletando dados capazes de transformar a medicina e a agricultura e dando nova perspectiva à dimensão humana por meio da biotecnologia.



AMY WEBB, CEO DO FUTURE TODAY INSTITUTE:

“ESTAMOS ENTRANDO EM UM
SUPERCICLO TECNOLÓGICO.”

Essa convergência foi definida por Amy Webb como *technology supercycle*. Sob a ótica econômica, trata-se de um momento de expansão que impõe oportunidades e desafios enormes às atuais gerações, agrupadas pela pesquisadora sob a sigla GenT, ou Geração de Transição.

“Coletivamente, estamos passando por uma fase importante agora. Todas as pessoas que estão vivas hoje, cada uma de vocês, faz parte de uma grande transição, o que significa que a nossa sociedade estará muito diferente quando essa transição acabar”, analisou.

**INTELIGÊNCIA
ARTIFICIAL**

BIOTECNOLOGIA

**SUPERCICLO
TECNOLÓGICO**

**ECOSSISTEMAS
CONECTADOS**

No entanto, se vivemos em um contexto de exponencialidade em que a mudança é uma constante, não seria a transição uma característica permanente e contínua dos nossos tempos?

Essa reflexão coloca sob os holofotes o outro fio condutor deste SXSW: as conexões humanas. Em uma realidade de evolução tecnológica que transforma a economia e a sociedade, o festival destacou a urgência de valorizar e nutrir as relações entre as pessoas. “Acreditamos que, nesta era crescente de automação, a conexão olho no olho entre as pessoas ainda é a tecnologia mais poderosa”, pontuou Hugh Forrest, chefe de programação do *South by*, na sessão magna de abertura do festival.

Esse fio temático encontrou eco em diversas vozes ao longo da conferência. A psicoterapeuta Esther Perel e a pesquisadora Brené Brown, por exemplo, discorreram sobre o risco de estarmos alimentando uma intimidade artificial pelo excesso de tempo na frente das telas. A poetisa Ada Limón, por sua vez, exaltou o senso de pertencimento humano, mostrando que somos todos parte de um único ecossistema. Já o escritor Jay Shetty chamou a atenção para os riscos da desconexão afetiva: isolamento, distanciamento, solidão, separações.

“TODAS AS PESSOAS QUE ESTÃO VIVAS HOJE FAZEM PARTE DE UMA GRANDE TRANSIÇÃO, O QUE SIGNIFICA QUE A NOSSA SOCIEDADE ESTARÁ MUITO DIFERENTE QUANDO ESSA FASE ACABAR.”

AMY WEBB

CEO DO FUTURE TODAY INSTITUTE

■ FUTURE TODAY INSTITUTE:

PROPOSTAS PARA A TRANSIÇÃO DO SUPERCICLO TECNOLÓGICO

- Criação por parte dos governos de **departamentos de transição**, que pensem nos impactos das novas tecnologias e preparem seus cidadãos para lidar com esse novo mundo.
- Estabelecimento de “**casas de apoio**” para **negócios em extinção**, com foco em auxiliar no encerramento gradual de empresas e no apoio a trabalhadores que precisem se realocar em novas atividades profissionais.
- **Reorganização da jornada educacional**, para que formações técnicas ou mais curtas do que um curso universitário possam preparar profissionais para as novas funções que vão existir no futuro.
- Convite para que as empresas desenvolvam **ecossistemas de valor**, mapeando todos os *players* envolvidos em suas esferas de atuação, de modo que possam crescer juntos.

EPIDEMIA DA SOLIDÃO: A URGÊNCIA DA RECONEXÃO HUMANA

O aumento do consumo de telas, o aspecto viciante dos formatos, e o acesso mais fácil para mais gente, e cada vez mais cedo: esses são apenas alguns dos motivadores da crise global de saúde mental que vivemos, tema amplamente abordado no SXSW 2024. Em maio de 2023, o principal conselheiro do governo norte-americano para saúde pública, Dr. Vivek Murthy, divulgou um documento oficial estabelecendo a solidão como uma epidemia com efeitos tão nocivos à saúde quanto fumar 15 cigarros por dia. Para Murthy, a saída disso é a conexão humana.

De acordo com dados desse documento, os norte-americanos estão gastando menos tempo presencialmente juntos do que há 20 anos – algo mais crítico entre jovens de 15 a 24 anos, que tiveram 70%



menos interações sociais com seus amigos. A motivação para isso é o uso de redes sociais como substituto do encontro presencial. E aí mora o perigo: de acordo com a especialista em comunidades Carrie Melissa Jones, que apresentou um painel denso sobre criação de comunidades de interesse, levamos até seis vezes mais tempo para construir confiança numa relação online do que ao vivo.

A epidemia de doenças mentais e a saída pela cura coletiva da reconexão humana ecoaram em diversos momentos do festival, em salas de maior e menor público. Estiveram presentes tanto em painéis disputados pelos Ballrooms do Austin Convention Center como em saletas de discussões com narrativas emergentes. Veio de uma destas, inclusive, uma fala poderosa para combater o surto de solidão e de adoecimento mental:

“Não estaremos bem enquanto todos não tiverem acesso justo a uma vida com bem-estar. Temos que nomear o que está acontecendo no mundo, porque nomear o problema é o primeiro passo para adotar uma mentalidade decolonial. O que está acontecendo é que estamos derramando nossos traumas individuais no coletivo, o tempo todo”, criticou a professora e especialista em medicina integrativa Anusha Wijeyakumar, da Universidade Estadual de San Diego, na Califórnia.

“NOMEAR O PROBLEMA É O PRIMEIRO PASSO PARA ADOTAR UMA MENTALIDADE DECOLONIAL. O QUE ESTÁ ACONTECENDO É QUE ESTAMOS DERRAMANDO NOSSOS TRAUMAS INDIVIDUAIS NO COLETIVO, O TEMPO TODO.”

ANUSHA WIJEYAKUMAR

PESQUISADORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SAN DIEGO

ACCOUNTABILITY: ESTAMOS AO MENOS FAZENDO O BÁSICO?

Inteligência Artificial, privacidade, vieses, emergência climática, saúde mental: algumas das temáticas protagonistas no SXSW 2024 envolvem camadas genuínas e necessárias de cobranças por mais responsabilidade nas rotas traçadas daqui em diante.

As discussões sobre Inteligência Artificial tiveram um tom mais pragmático na edição deste ano do festival. Passado o *hype* em torno da IA generativa e do ChatGPT, o tema ganhou contornos práticos com aplicações em todas as indústrias, impactos positivos e negativos e uma série de debates sobre o futuro da humanidade na esteira da exponencialidade. Nesse cenário, a convocatória por responsabilidade em torno do uso da tecnologia foi uma tônica comum nos painéis e nas conversas pelas ruas de Austin.



**JOY BUOLAMWINI, CIENTISTA E FUNDADORA
DA LIGA DA JUSTIÇA ALGORÍTMICA:**

**“DANOS DOS EXCLUÍDOS PELOS
CÓDIGOS SÃO IRREVERSÍVEIS.”**

Dos questionamentos sobre os hiperpoderes nas mãos de poucas *big techs*, que detêm hoje a maior parte dos dados do mundo, às pressões nos governos pela regulamentação da IA, o tema *accountability* se transformou em elemento central na discussão de futuros possíveis. “Não podemos cometer com a Inteligência Artificial o mesmo erro que cometemos com as redes sociais”, conclamou Hugh Forrest, no encerramento do SXSW.

Figura frequente no evento, o pesquisador e apresentador Scott Galloway criticou a falta de responsabilização sobre as plataformas algorítmicas e pediu associação direta e penas mais severas para *big techs*, no que se refere às crises de privacidade de dados e disseminação de *fake news*. Já a Fundadora da Liga da Justiça Algorítmica, a cientista da computação e ativista digital Joy Buolamwini, se posicionou de forma muito clara contra a ideia de ambivalência da tecnologia.

Ecoando pensadores como o sociólogo espanhol Manuel Castells e o brasileiro Sérgio Amadeu da Silveira, Buolamwini acredita que “as máquinas não são tão neutras”, e que os códigos refletem “quem tem o poder de modelar a tecnologia tanto com suas preferências quanto com suas prioridades e, às vezes, com seus próprios preconceitos”. Com isso, ela reforça o entendimento de que, se os avanços tecnológicos não forem bem regulados e responsabilizados, podem vir a causar danos muitas vezes irreversíveis para aqueles que forem “excluídos pelos códigos” (*excodeds*).

**“NÃO PODEMOS COMETER COM A INTELIGÊNCIA
ARTIFICIAL O MESMO ERRO QUE COMETEMOS
COM AS REDES SOCIAIS.”**

HUGH FORREST
CHEFE DE PROGRAMAÇÃO DO SXSW

As provocações se desdobraram também para outros campos não menos conectados à pauta tecnológica. Em uma das sessões mais potentes do ano, a atriz e ativista Jane Fonda resgatou o espírito do festival ao não poupar críticas às indústrias e aos políticos que, segundo ela, destroem deliberadamente os mais vulneráveis e o planeta. **“Exxon-Mobil, Chevron, Shell... Eles sabiam desde os anos 1970 que os produtos que colocavam no mundo iam causar o aquecimento global. E não fizeram nada para impedir”**, disse.

Nessa avalanche de transformações, cuidar do planeta e das pessoas é um imperativo. Entre as celebridades que subiram ao palco, Meghan Markle, duquesa de Sussex, foi dura ao analisar as consequências na saúde mental do *bullying* presente nas redes sociais. Outros palestrantes lançaram luz sobre o que chamaram de “epidemia da solidão”, uma consequência das instituições

contemporâneas que fomentam a competitividade, o individualismo e o extremismo, como defendeu Radha Agrawal, CEO do movimento pelo bem-estar Daybreaker.

Diante de tantas camadas e rotas a serem corrigidas, muitas perguntas ecoam após o SXSW: estamos ao menos fazendo o mínimo nas nossas comunidades, no trabalho, com as pessoas ao nosso redor? Estamos valorizando o nosso voto e fiscalizando os representantes políticos? Estamos atuando para preservar as democracias?

Como profissionais da indústria da comunicação e do marketing, estamos conscientes do poder das nossas conexões e decisões, considerando a construção de futuros inclusivos e sustentáveis?

EIXOS TEMÁTICOS



EIXOS TEMÁTICOS_

**INTELIGÊNCIA
ARTIFICIAL**

**COMPUTAÇÃO
QUÂNTICA**

**COMPUTAÇÃO
ESPACIAL**

**SAÚDE E
BEM-ESTAR**

**CULTURA E
COMUNIDADES**

**DIVERSIDADE E
ACESSIBILIDADE**

EDUCAÇÃO

**ENERGIA
E CLIMA**

**CIDADES E
MOBILIDADE**

CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA E CENTRALIDADE HUMANA

+

ACCOUNTABILITY

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Ubiquidade e responsabilidade

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Depois de ser abordada com deslumbramento e *hype* em 2023, a Inteligência Artificial foi objeto de uma trilha temática com tom mais prático na edição deste ano do SXSW. A abordagem foi cravada no impacto da tecnologia nos negócios e na vida das pessoas e nas implicações da escalabilidade da IA em diversas interfaces conectadas.

Na esteira do debate, emerge o conceito de ubiquidade, que, sob a ótica da teologia, significa onipresença, contexto esse mais do que apropriado para uma tecnologia que está embarcada em praticamente todos os serviços digitais da atualidade, tanto nas camadas *B2C* quanto *B2B*. O termo é a base do que Amy Webb chamou em sua apresentação de ecossistemas conectados, com dispositivos que se comunicam e cooperam entre si, captando e trocando dados e criando experiências cada vez mais personalizadas.

No papel de representante do ChatGPT, o vice-presidente de consumo da Open AI, Peter Deng, disse acreditar que a IA recupera e amplifica aspectos humanos essenciais para os negócios, como a curiosidade e a reflexão. “Nossa mente está muito ocupada atualmente. Precisamos de tempo para explorar ideias, arquitetar na mente e pausar. A IA nos libera para atingir níveis mais altos de pensamento”, destacou.

No campo da criatividade, a CEO da fabricante de *chips* AMD, Lisa Su, ressaltou a parceria da empresa na criação de filmes e *games*, como *War is Over!* e *Avatar*. “Queremos maximizar o tempo. Não quero que meus colaboradores apertem um botão para renderizar um vídeo e isso demore horas ou dias”, disse David Conley, produtor da Wētā FX, ao dividir o palco com Lisa.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

SUPERCICLO TECNOLÓGICO × SINGULARIDADE

Enquanto Amy Webb, do Future Today Institute, vê a IA em convergência com ecossistemas de dispositivos conectados e biotecnologia, fazendo com que estejamos prestes a entrar em um novo superciclo tecnológico, o escritor e pesquisador Ray Kurzweil explicou no SXSW o que defende em seu livro *The Singularity is Nearer*. Para ele, a IA vai atingir a inteligência humana, inclusive no campo emocional, em 2029. “Não há nada que matemática e computação não possam copiar”. Questionado pelo jornalista Nick Thompson, CEO da The Atlantic, sobre a consciência, o escritor disse que a consciência não é algo científico. “Não é algo que conseguimos provar”, provocou.

RAY KURZWEIL, CIENTISTA E ESCRITOR:

“NÃO HÁ NADA QUE MATEMÁTICA
E COMPUTAÇÃO NÃO POSSAM COPIAR.”



ABORDAGENS DE TRANSIÇÃO TECNOLÓGICA

Superciclo tecnológico

Amy Webb vê a convergência entre IA, ecossistemas de dispositivos conectados e biotecnologia como o início de uma nova era cuja transição já começou.

Humanidade amplificada

As próximas gerações serão muito diferentes das que vivem hoje, tanto nas relações emocionais como no trabalho, na saúde e na longevidade, com a IA sendo uma assistente essencial.

Singularidade

Ray Kurzweil defende que, em 2029, a humanidade terá os recursos de IA necessários “para que máquinas atinjam a inteligência humana, inclusive a inteligência emocional”.

Humanoides

Nesse cenário, será possível implantar *chips* do tamanho de um grão de ervilha no cérebro das pessoas, de modo a amplificar capacidades ou curar doenças.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

CENÁRIOS POSITIVOS E NEGATIVOS

Em termos de desenvolvimento, a IA pode ser didaticamente dividida conforme a proposta de Mike Bechtel, com casos de uso positivo e benéfico (deslumbramento) e com potencialidades de uso malicioso (motivo de atenção e preocupação).

DESLUMBRAMENTO

Download de cérebros

O conhecimento ainda hoje é algo que fica armazenado na mente de uma ou de várias pessoas de uma organização. Isso significa que, para produzir resultados a partir desse conhecimento, é preciso reunir essas mentes e oferecer a elas tempo para produzir resultados a partir dos dados nelas armazenados. Uma das propostas de cenário de deslumbramento com o uso de IA vem de Ian Beacraft,

CENÁRIOS DO USO E APLICAÇÃO DE IA

DESLUMBRAMENTO

1. “Download” de conhecimento para um “segundo cérebro”, que poderá ser acionado com mais rapidez.
2. Capacidade “operacional” criativa aumentada e mais poder à imaginação.

PREOCUPAÇÃO

1. Viés e exclusão codificada (*excoded*).
2. Bases incompletas fora do idioma inglês.
3. Desinformação produzida em massa.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

da Signal and Cipher, que sugere ser possível “fazer download do conhecimento” para uma base de dados, seja de uma pessoa específica ou de um coletivo de pessoas (por exemplo, os funcionários de uma empresa). Dessa forma, a ideia é que poderia ser viável fazer “download de cérebros”, de modo que uma IA treinada possa acionar essa base e criar, com velocidade, materiais inéditos derivados das informações pregressas.

Criatividade amplificada

Ray Kurzweil, escritor e visionário de IA do Google, e Mike Bechtel, futurista-chefe na Deloitte, reverberam de maneiras diferentes um pensamento similar: a importância do interesse pessoal e da capacidade imaginativa. Para o primeiro, a evolução da IA nos levará potencialmente a um futuro em que o “talento” ou a capacidade de tornar uma ideia realidade será facilmente operacionalizada por uma máquina. Já Bechtel reforça a importância da imaginação e da criatividade para fazer solicitações realmente



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

interessantes para as máquinas de IA. Afinal, elas têm a capacidade de operacionalizar a criatividade e amplificar ideias, mas não necessariamente de imaginar algo inédito. Dessa forma, se fizermos o pedido de algo “ruim”, é grande a chance de recebermos de volta um resultado ainda pior. Agora, caso façamos um pedido genial, a probabilidade é que recebamos algo ainda mais interessante de volta.

PREOCUPAÇÃO

Viés e exclusão codificada

A pesquisadora Joy Buolamwini defendeu que a IA reflete o grupo que tem a tecnologia nas mãos. Com isso, ela reforça que, se os avanços tecnológicos não forem bem regulados, podem repetir preconceitos e exclusões existentes na realidade. O envolvimento de Buolamwini com o ativismo digital surgiu a partir da percepção de uma falha importante em um código de reconhecimento

facial desenvolvido por ela mesma, código esse que não era capaz de reconhecer rostos de pessoas negras. O resultado ficou evidente quando ela passou a ser reconhecida pela sua aplicação ao fazer uso de uma máscara branca. O episódio evoca um entendimento de que, por mais que se busque diversidade entre os desenvolvedores dos avanços tecnológicos, como a inclusão de mulheres e de pessoas negras, isso não impede que as bases de dados que treinam as tecnologias do futuro estejam por si só enviesadas e, portanto, não sejam suficientemente inclusivas.

Bases incompletas fora do idioma inglês

Ainda que a América Latina esteja atenta aos desenvolvimentos de IA, a região lida com barreiras que desafiam a adoção de estratégias avançadas, segundo o empreendedor Marcellus Amadeus, único brasileiro a palestrar dentro da trilha de IA do SXSW. Dentre as questões elencadas, como baixo investimento em *startups*

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

latinas e dificuldade de reter talentos especializados, salta aos olhos uma questão técnica: a falta ou a baixa qualidade de bases de dados em espanhol ou em português. Considerando que os resultados de aplicações de IA são tão bons quanto as bases de dados a que têm acesso, a situação dos latino-americanos é desfavorável em relação às opções existentes em inglês. Tanto em bases textuais quanto de voz, o volume disponível nos principais idiomas latinos é baixo, o que impacta a eficiência dos modelos de IA para a região.

Desinformação produzida em massa

Uma preocupação relevante destacada pelo SXSW, especialmente em um ano de eleições nos Estados Unidos, tem a ver com a capacidade da IA de produzir informações inverídicas de modo massificado e barato. Steven Rosenbaum, cofundador do Sustainable Media Center, destacou que o entendimento do que é uma “verdade” pode ter nuances em campos específicos.



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

“Se você vai a um médico e mostra a ele os resultados dos seus exames, ele vai te contar uma versão da verdade, considerando quem você é e qual o seu histórico médico. A forma de contar a informação é moderada pela interação humana que esse médico teve com você”, exemplificou. No entanto, Gary Marcus, professor emérito da Universidade de Nova York, reforçou que, por mais que vejamos benefício em ter informações médicas apresentadas de maneira personalizada, talvez não seja ideal personalizar “verdades matemáticas” ou “verdades noticiosas”. Essas verdades deveriam ser as mesmas para todos os seres humanos.

MÉTODOS PARA O USO RESPONSÁVEL DE IA

Considerando que o uso de IA em diferentes esferas da nossa vida será inevitável, a estudiosa Elizabeth Adams, que faz parte do Instituto para uma IA Focada em Humanos (HAI), de Stanford, sugere que as empresas discutam internamente propostas e processos para a criação de métodos para o uso responsável de IA, de acordo com princípios de uma metodologia responsável:

Sem viés • Inclusiva • Auditável •
Confiável • Explicável •
Imputável • Justa

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

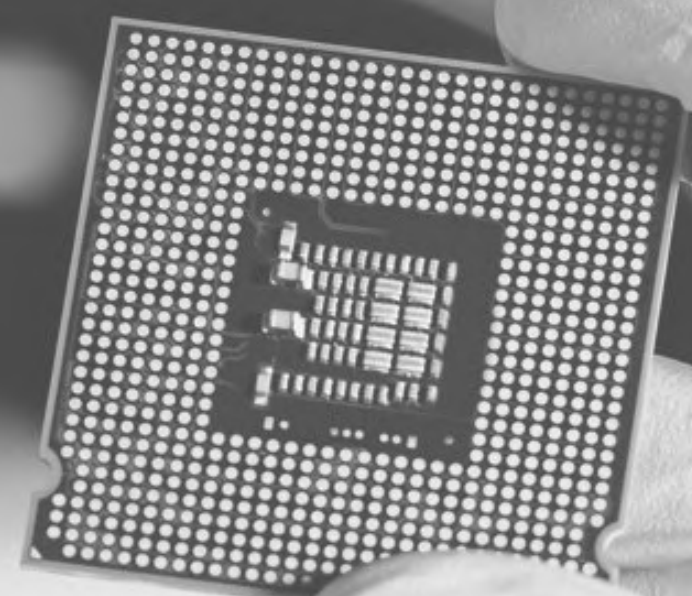
LEGISLAÇÃO E CÓDIGO ABERTO: TENTATIVAS DE RESPONSABILIZAÇÃO DA IA

Na reta final do SXSW 2024, o Parlamento Europeu aprovou uma legislação específica para a Inteligência Artificial pautada, principalmente, pela transparência na adoção e no uso da tecnologia. O fato, que já vinha sendo intensamente debatido desde 2021 pela União Europeia, não chegou a influenciar as discussões em torno do tema no evento, mas é um sinal de avanço. Entre os principais desafios para tornar a IA responsável pelos efeitos que ela vier a causar, há duas questões principais: falta de regulamentação e falta de transparência.

Durante o festival, Calli Schroeder, conselheira global de privacidade da Electronic Privacy Information Center (EPIC), afirmou que União Europeia, Brasil, África do Sul,

Índia e Austrália se destacam no cenário internacional por terem estabelecido fundamentos legais para lidar com o controle de privacidade de seus cidadãos.

Nos Estados Unidos, ainda há uma forte discussão para a criação de uma legislação específica para a IA no país, que atue na interseção dos direitos civis norte-americanos e nos avanços da tecnologia. Já para lidar com a falta de transparência das ferramentas, Ion Stoica, professor de ciência da computação da Universidade da Califórnia, em Berkeley, sugeriu que sejam construídos modelos de IA de “código aberto”, seguindo a mesma premissa de “conhecimento aberto” utilizada em plataformas como Linux ou Wikipédia. Stoica esclarece que a segurança dos sistemas de IA de código fechado reside na obscuridade: as pessoas não sabem o código e, portanto, não sabem como explorá-lo de forma maliciosa. “Com o código aberto, as pessoas vão explorá-lo maliciosamente, mas a comunidade vai imediatamente fechar essa brecha de segurança. Dessa forma, no longo prazo, uma iniciativa de código aberto é muito mais segura”, explicou.



COMPUTAÇÃO QUÂNTICA

Simulações de futuro

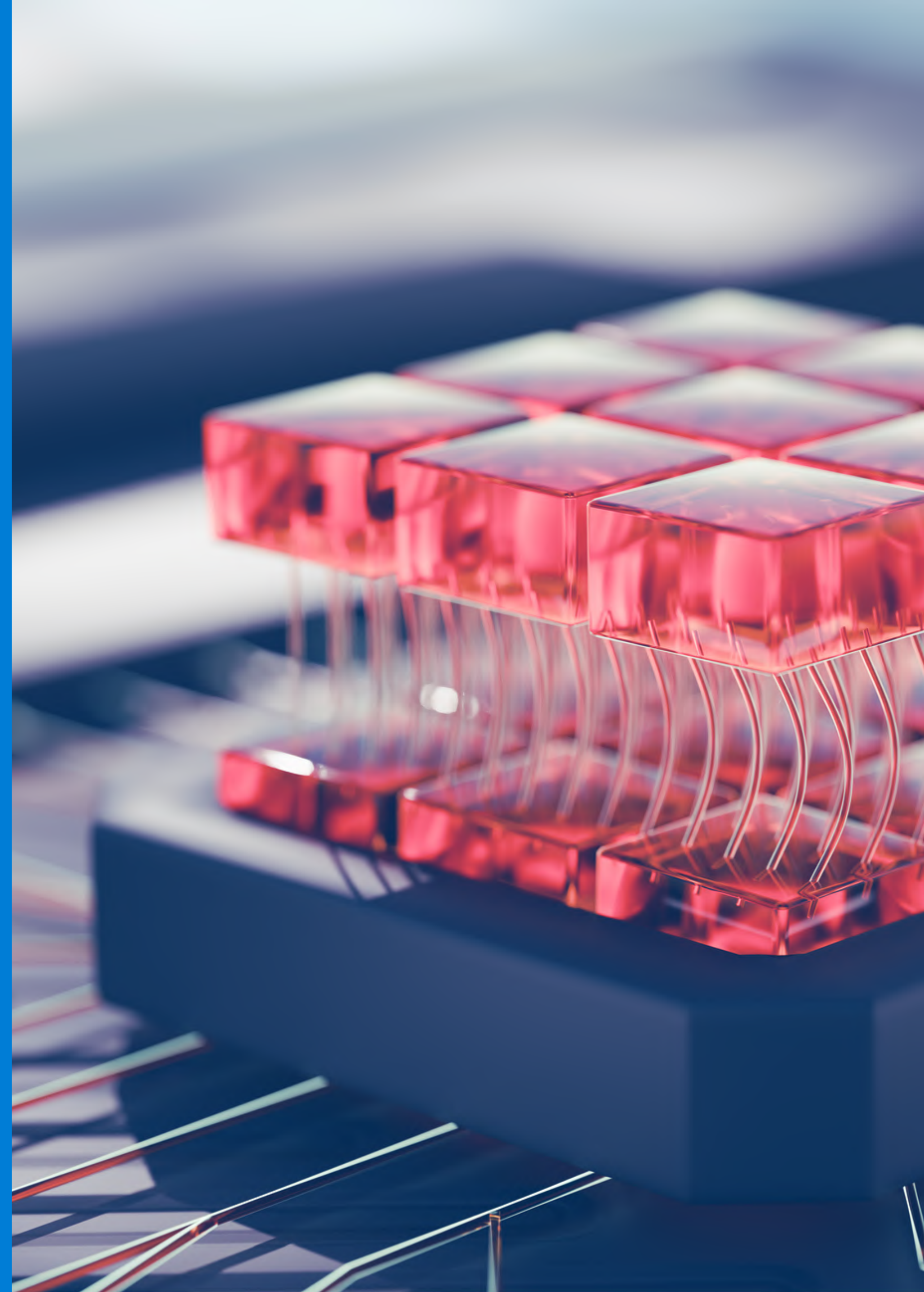
COMPUTAÇÃO QUÂNTICA

A computação quântica surge como um vetor de transformação, saindo do terreno abstrato das teorias quânticas para a aplicabilidade prática. O SXSW 2024 trouxe abordagens significativas com referências da área, como Charina Chou e Erik Lucero, da Google Quantum AI; Scott Aaronson, da Universidade do Texas; Heather Higgins, da IBM; e Wade Davis, da Moderna. Foi possível compreender o que é fato, o que é mito e o que já está acontecendo e impactando nossas vidas.

Alguns resultados reais da computação quântica apresentados no evento:

Saúde e biotecnologia

Na participação de Wade Davis, da Moderna, ele compartilhou o papel da computação quântica no desenvolvimento acelerado de vacinas, permitindo simulações moleculares que tradicionalmente estariam fora do alcance dos computadores clássicos.





O QUE É COMPUTAÇÃO QUÂNTICA

É um campo da tecnologia baseado em princípios de superposição e entrelaçamento da matéria, utilizados para desenvolver recursos computacionais diferentes dos que conhecemos. Ao invés de operarem com o chaveamento entre "ligado e desligado", que é o que se utiliza nos bits binários da computação clássica atual, os computadores quânticos trabalham com qubits, partículas subatômicas que têm propriedades diferentes, como a superposição (o qubit tem possibilidade de assumir uma gama de resultados entre 0 e 1) e o entrelaçamento (um qubit "carrega" informações também de outro qubit, como se ambos estivessem conectados, o que permite transmitir informações correlacionadas de modo rápido). Essas propriedades, segundo os cientistas, serão capazes de permitir velocidades exponenciais de computação, o que, por consequência, dará aos computadores quânticos uma capacidade muito maior de processamento em comparação com os computadores atuais.

COMPUTAÇÃO QUÂNTICA

Ciência de materiais

Heather Higgins, da IBM, destacou como a computação quântica está pavimentando o caminho para a descoberta de materiais inovadores, essenciais para avanços em veículos elétricos e em tecnologias sustentáveis, graças à sua capacidade de simular propriedades de materiais em uma escala muito maior.

Finanças

Scott Aaronson, da Universidade do Texas, revelou como essa tecnologia pode revolucionar o setor financeiro, desde a otimização de portfólios até a introdução de sistemas de segurança infalíveis por meio da criptografia quântica, transformando o manejo e a segurança de transações financeiras.

Apesar de a criptografia quântica ainda ser objeto de estudo, a otimização de portfólios já é uma realidade, sendo trabalhada em alguns grandes fundos de investimento.

Na palestra da dupla do Google Quantum AI, destacamos uma afirmação que precisa ser compreendida com cuidado: “Até o momento, nenhum computador quântico supera um supercomputador em atividades práticas”.

Os dois pontos relevantes nesse contexto são:

1. Existem teorias de ordem não prática que são mais bem resolvidas por um computador quântico, e áreas da ciência podem incorporar essas práticas em seus processos de pesquisa e desenvolvimento a qualquer momento.

COMPUTAÇÃO QUÂNTICA

2. Apesar de o computador quântico não superar os supercomputadores, sua disponibilidade é muito maior. É necessário um imenso financiamento para ter um supercomputador à disposição; já o acesso aos computadores quânticos pode ser adquirido na IBM ou na AWS.

Com o avanço da tecnologia, Charina Chou vislumbra uma transformação visível na proposição de respostas para desafios complexos. “O verdadeiro poder da computação quântica reside em sua capacidade de explorar várias soluções simultaneamente, oferecendo um novo paradigma para a resolução de problemas”, analisou.

IMPACTOS NA PUBLICIDADE

Embora os efeitos diretos da computação quântica na publicidade sejam uma visão a longo prazo, o setor já deve sentir em breve alguns impactos indiretos.

A revolução em setores como saúde e ciência de materiais antecipa um fluxo de inovações e novos produtos, gerando demanda por abordagens publicitárias que saibam introduzir esses avanços no mercado. Se antecipar e se adaptar a essas tendências será fundamental para os profissionais de marketing, que deverão utilizar estratégias criativas para comunicar os benefícios de produtos antes vistos somente em ficção científica.



COMPUTAÇÃO ESPACIAL

Sobreposição de realidades

COMPUTAÇÃO ESPACIAL

No SXSU, a temática realidade estendida (XR) foi influenciada pela chegada do Apple Vision Pro, óculos de realidade virtual da Apple que consolida uma nova expressão no ambiente das experiências imersivas: a computação espacial. A promessa é ir além de um dispositivo de Realidade Virtual (VR) e se tornar uma interface em que se pode “habitar”, capaz de integrar-se com o corpo e com o cenário ao redor, além de permitir ao usuário estar contextualmente consciente da existência tanto da esfera virtual (a interface) quanto do mundo real (cenário).

Isso significa que a *spatial computing* permitirá interagir com o mundo real (caminhar, conversar, se mover) ao mesmo tempo em que se ganha acesso a uma “camada digital” de conteúdos e interações, que aparecem diante dos olhos de quem usa o dispositivo, que vai interagir com a interface por meio do olhar, da voz e do movimento das mãos.



COMPUTAÇÃO ESPACIAL

Na opinião de Ola Björling, líder criativo da Buoy Studio, a chegada do dispositivo da Apple coroa uma década de grandes avanços para o setor das experiências imersivas e expande as possibilidades de aplicações e usos da tecnologia. Desde o lançamento do Oculus Rift em 2012, por meio de uma bem-sucedida campanha do Kickstarter, passando por sua compra pela Meta e seus sucessivos desenvolvimentos, a expectativa de Björling é que, a partir do Apple Vision Pro, os óculos deixem de ser apenas uma ferramenta para experiências imersivas de entretenimento (*games* ou filmes, por exemplo) e comece a se integrar com a realidade dos usuários.

Isso porque a Apple traz para o cenário duas importantes vantagens frente a outros concorrentes:

1. Vasta *expertise* na construção de interfaces agradáveis para os usuários.

2. Conectividade com um ecossistema de celulares e computadores, promovendo um formato de computação que se “espalha pelo espaço físico”.

A expectativa é que os avanços dos *gadgets* de realidade virtual façam com que a experiência se torne mais agradável do que anteriormente (o que inclui menos falhas e mais qualidade de visualização, evitando que as pessoas fiquem nauseadas, por exemplo). No entanto, a perspectiva de curto prazo é que o formato siga sendo utilizado por um público nichado ou para experiências específicas em que se queira ter uma conexão realmente significativa com os usuários.

COMPUTAÇÃO ESPACIAL

Aplicações

Os entusiastas seguem defendendo que as experiências imersivas (XR) e de computação espacial são umas das mais poderosas em termos de fomentar emoção e engajamento. Por isso, deverão seguir sendo utilizadas para experiências que queiram causar impacto emocional ou que percebam a relevância de dar uma sensação de presença/realidade. Incluem-se nesse âmbito experiências e treinamentos simulados que permitam perceber nuances ou que deem preferência ao aprendizado por meio da experiência prática, como treinamentos na área da saúde ou em situações em que se queira uma visão em primeira pessoa com menor taxa de riscos (como treinamentos de cirurgias ou de uso de maquinário pesado, por exemplo).

ALÉM DA IMERSÃO

A computação espacial pode incluir experiências imersivas, mas vai além delas. Ela efetivamente traz uma experiência computacional para a frente dos olhos das pessoas e permite que elas interajam com isso e com a realidade “ao mesmo tempo”. Também poderá ter implicações interessantes no rastreamento do consumo de conteúdo, já que os óculos virtuais também são capazes de medir e mensurar detalhes como o movimento dos olhos ou, especulativamente, os movimentos de abertura da íris, podendo, quem sabe, reconhecer emoções ou “excitações” do usuário.

Por mais que a chegada do Apple Vision Pro seja considerada um marco para o desenvolvimento da tecnologia, considerando as fortalezas da Apple (interface e integração com ecossistema computacional), é importante destacar que muito do desenvolvimento da tecnologia na última década é mérito da Meta e dos investimentos feitos no Meta Quest (anteriormente, Oculus).

SAÚDE E BEM-ESTAR

Medtech, psicodélicos e alimentação

SAÚDE E BEM-ESTAR

A interseção entre tecnologia e medicina deu o tom às principais apresentações relacionadas à saúde no SXSU. Alguns dos usos apresentados são tecnicamente simples, como é o caso das teleconsultas entre médicos de UTI, que podem trocar experiências para buscar a melhor solução para um paciente intensivista, como acontece na TeleUTI do Hospital Israelita Albert Einstein, cuja base física principal é em São Paulo.

Outras instituições apostam em tecnologias mais recentes. É o caso do Sheba Medical Center, de Israel, que criou a plataforma LIV para realizar atendimentos virtuais de saúde mental por meio de conversas em voz ou em texto. A proposta é passível de críticas por ser um atendimento automatizado e distante, mas os responsáveis reforçam que se trata de uma proposta de democratização do acesso a cuidados de saúde mental, e não uma substituição do trabalho de terapeutas e psiquiatras.



SAÚDE E BEM-ESTAR

Dentre os cenários mais avançados, temos a criação de LLMs (*Large Language Models*), que apoiam os profissionais de saúde nos processos de diagnóstico. No hospital City of Hope, na Califórnia, foi criada uma LLM específica para tratamentos oncológicos, usando como base as mais de 6 milhões de anotações clínicas, radiológicas e patológicas do hospital sobre o assunto. O objetivo é permitir que os médicos acessem essa fonte de dados para obter suporte auxiliar no tratamento de pacientes com câncer. Já no Albert Einstein, a mesma metodologia de criação de LLM está sendo testada para apoiar no monitoramento de atendimentos pré-natal de todo o Brasil.

Outra modalidade que merece destaque é o uso de Inteligência Artificial em exames de Eletrocardiograma (ECG), que está em testes no hospital Mayo Clinic, considerado o melhor dos Estados Unidos. O ECG-AI seria capaz de identificar alterações muito discretas que indicariam precocemente casos potenciais de amiloidose cardíaca e de outras doenças do coração, para que possam ser tratadas antes de se tornarem mais graves.

A interseção entre tecnologia e medicina deu o tom às principais apresentações relacionadas à saúde no SXSW. Alguns dos usos apresentados são tecnicamente simples, como é o caso das teleconsultas entre médicos de UTI, que podem trocar experiências para buscar a melhor solução para um paciente intensivista.

SAÚDE E BEM-ESTAR

BRAIN COMPUTER INTERFACES (BCI) ALÉM DOS CHIPS

Enquanto a edição do SXSW do ano passado abordou o uso de implante cerebral de *chips* para permitir que pessoas com mobilidade muito reduzida (como tetraplégicos) pudessem interagir com a “força do pensamento”, nesta edição o destaque foram as interfaces menos invasivas. Trata-se de dispositivos de vestir com sensores que captam as ondas cerebrais apenas pelo contato com a pele em áreas estratégicas, como regiões da testa, da nuca e próximas das orelhas. Entre as empresas fabricantes estão Neurable, Cognixion e Prophetic AI.

Alguns dos dispositivos parecem acessórios, como *headphones* ou óculos, mas contêm sensores capazes de detectar ondas cerebrais, registrá-las e oferecer relatórios de desempenho ou até mesmo auxiliar no treinamento de capacidades mentais, como a habilidade de manter o foco ou de relaxar a mente. Os fabricantes dos dispositivos sabem que os aparelhos ainda têm preços nada populares, mas acreditam que o desenvolvimento da tecnologia e o interesse de mercado podem fazer com que os avanços do setor venham a baratear futuras versões dos equipamentos.



SAÚDE E BEM-ESTAR

PSICODÉLICOS PARA TRATAR TRAUMAS

Abordados principalmente sob a ótica da ciência, os psicodélicos tiveram uma trilha temática exclusiva no SXSW 2024. Entre os enfoques trazidos, nossa curadoria destaca as defesas do uso da psicodelia para o tratamento de traumas. Quem defende a ideia é o pesquisador Rick Doblin, que usou o palco do festival para explicar seu propósito: viabilizar, por meio da psicodelia, um mundo sem traumas até 2070.



SAÚDE E BEM-ESTAR

O caminho é árduo e cercado de tabus nos campos político, religioso e cultural. Mas o cientista já está nessa batalha há quase 40 anos. Em 1986, ele fundou a Associação Multidisciplinar de Estudos Psicodélicos, nos Estados Unidos, quando substâncias como MDMA e LSD já eram alvo de repressão política e religiosa. Há quase quatro décadas, Doblin e outros cientistas estudam as possibilidades de uso terapêutico das substâncias por meio da unidade farmacêutica Lykos.

Em dezembro do ano passado, a empresa submeteu ao Food and Drug Administration (FDA, órgão equivalente à Anvisa no Brasil) os resultados de um estudo clínico de fase 3, com testes em grupos de controle, em que o psicodélico é usado no tratamento de transtorno de estresse pós-traumático (TSPT). A expectativa é de que a terapia seja aprovada até agosto, o que faria a companhia chegar à primeira terapia assistida com MDMA com aval da agência.

Esse seria o passo mais importante da FDA em direção à medicina psicodélica desde a aprovação do uso da cetamina, em 2019, para o tratamento de depressão. Em junho, diante do aumento de pesquisas sobre o uso terapêutico de psicodélicos, a agência publicou um documento com diretrizes para a realização de ensaios clínicos para esses medicamentos.

Os psicodélicos foram abordados por duas óticas no SXSW. Pelo olhar da ciência, com resultados concretos de pesquisas na área de saúde, e também sob a perspectiva dos negócios, com destaque para o potencial econômico do setor.

SAÚDE E BEM-ESTAR

EDIÇÃO GENÉTICA PARA UMA ALIMENTAÇÃO MAIS NUTRITIVA

Destaque na edição deste ano do SXSW, a edição genética de lavouras por meio da técnica CRISPR, que “ajusta” a genética da planta para conseguir algumas modificações, tem permitido projetar em laboratório alimentos mais nutritivos, saborosos e resilientes a pragas e alterações climáticas.



SAÚDE E BEM-ESTAR

Um dos exemplos apresentados é o da folha de mostarda, bastante nutritiva, mas cujo sabor é geralmente percebido como desagradável. A edição via CRISPR permite tornar seu sabor mais palatável ao público, “deletando” a genética do gosto mais amargo com mais rapidez e maior precisão e previsibilidade do que as técnicas tradicionais de cultivo permitiriam.

Diferentemente dos transgênicos, que “importam” segmentos genéticos de outras espécies, o CRISPR altera apenas a cadeia de DNA da própria planta. Considerando essa diferenciação, o Parlamento Europeu já está mitigando as regulamentações para as chamadas “plantações geneticamente editadas”. Ainda está em discussão a questão da concessão de patentes para espécies editadas por CRISPR. Quem defende a não concessão de patentes se preocupa em manter a aquisição de sementes de espécies geneticamente modificadas acessível para os pequenos produtores.

Fundações do terceiro setor, como a Bill & Melinda Gates Foundation, estão envolvidas no assunto, buscando tornar essas novas plantações geneticamente editadas regulamentadas e autorizadas junto aos governos da África Subsaariana e do Sudeste Asiático, onde plantações mais nutritivas e resilientes podem ajudar a garantir a segurança alimentar nessas regiões.

O QUE É CRISPR

Clustered Regularly Interspaced Short Palindromic Repeats

O CRISPR é uma das técnicas mais modernas para a edição genética de diversos organismos, incluindo plantas. Debatido no SXSW desde 2018, o sistema tem enorme potencial de acelerar o melhoramento genético de plantas, auxiliando os agricultores a superarem os principais desafios que acometem as lavouras. Questões como sensibilidade ao calor e ao estresse hídrico e suscetibilidade a pragas e doenças são apenas alguns dos problemas que já estão sendo estudados em plantas a partir da nova técnica.

SAÚDE E BEM-ESTAR

LONGEVIDADE E BIOHACKING

Em uma conversa cheia de *insights* sobre como envelhecer melhor, profissionais ligados à saúde e ao bem-estar exploraram novas fronteiras da medicina, traçando quais avanços no estudo científico sobre nossos corpos devem alongar com qualidade a expectativa de vida.

Para a médica Kathleen Jordan, o futuro da medicina passa por aprofundar a correlação entre o açúcar no sangue e o impacto de fibras e prebióticos no organismo, o que será a chave para reduzir o risco de doenças como o câncer. “Muito do que dá errado em relação ao envelhecimento tem a ver com hormônio, e hormônio é super-regulado por açúcar”, pontuou a cientista, fundadora da *healthtech* Midi.

Já para Dave Asprey, criador do *bulletproof coffee* e sócio do Asprey Group/Upgrade Labs, o estudo para o entendimento de como processos mitocondriais, em nível celular, afetam o corpo de forma mais ampla deve ajudar no que ele define como “biohackear”. Idealista, ele tem planos de viver até os 130 anos apenas trabalhando parâmetros de *biohacking* (só o tempo e a ciência dirão se esse desejo se tornará realidade).



CULTURA E COMUNIDADES

Creators e pertencimento

CULTURA E COMUNIDADES

Nas peculiaridades do mundo contemporâneo, a vida mediada por telas tem mostrado gradualmente o peso do nosso distanciamento. É nesse contexto que a economia de *creators* cresceu dentro do SXSW e, em 2024, passou a ter uma trilha inteira dedicada a discutir sua evolução.

Uma das convergências sobre o segmento é a clareza de que a leitura de dados de engajamento e *performance* só faz sentido se vier contextualizada e vinculada à ideia de conteúdo a serviço de algo maior: a comunidade que o *creator* reúne em torno de si. Isso pode acontecer de diversas formas: fortalecendo um grupo de interesse, criando senso de pertencimento, construindo (ou desconstruindo) cenários mais positivos para as pessoas envolvidas na conversa etc.



CULTURA E COMUNIDADES

DESENHANDO MODELOS SUSTENTÁVEIS DE REMUNERAÇÃO

Apesar de os *creators* ocuparem um papel central na construção de conversas e comunidades, a forma como ganham dinheiro ainda não é tão simples. Segundo uma pesquisa da plataforma de serviços b2b Kajabi, parte do sucesso dos *creators* que conseguem viver exclusivamente desse trabalho está na diversificação de suas fontes de renda. Junto às #publis e à remuneração das plataformas, entram comunidades fechadas, cursos online e lojas virtuais, entre outros modelos complementares de renda.

“O *creator* precisa construir sua marca fora das plataformas. É preciso olhar o que cada uma delas prioriza e entender como explorar os formatos. E isso tem de ser feito com planejamento: não dá para reagir, tem que estar preparado”, disse Jason Newman, sócio da agência de representação de talentos Untitled Entertainment. É um caminho difícil: segundo dados de uma pesquisa da Linktree, apenas 50% dos *creators* entrevistados ganhavam dinheiro com seu conteúdo – e, destes, 72% faziam menos de US\$ 500 por mês. Haja diversificação de fontes de renda para pagar os boletos do mês.

Segundo dados de uma pesquisa da Linktree, apenas 50% dos *creators* entrevistados ganham dinheiro com seu conteúdo – e, destes, 72% fazem menos de US\$ 500 por mês.

CULTURA E COMUNIDADES

CREATORS E A REINVENÇÃO DO MARKETING MODERNO

A lógica da economia de *creators* provocou transformações profundas em como as áreas de marketing se organizam, atuando como catalisadora da inovação de processos e da cultura criativa. Um exemplo bem explorado no SXSW foi a L'Oréal, que teve sua CMO digital para os Estados Unidos, Han Wen, detalhando o processo de mudança de trabalho.

A companhia entendeu que parte importante da cultura é criada por *creators*, e definiu papéis para suas marcas: algumas produziram cultura, e outras deveriam criar ou, ainda, escalar movimentos culturais já existentes. Qual seria o objetivo disso? Tornar os *playbooks* de marca obsoletos o mais rapidamente possível. “Não sonhávamos em fazer isso 3 anos atrás porque todos perderíamos o emprego”, pontuou a executiva.

Adam Kornblum, líder de marketing para a CeraVe dentro da L'Oréal, detalhou como uma *creator* – a *tiktoker* e *podcaster* Bobbi Althoff – foi fundamental na campanha, associando o ator Michael Cera ao nome da marca. “Mesmo com a sinalização de #ad, as pessoas compartilharam porque aquilo era mais relevante para elas do que o fato de ser uma parceria paga”, explicou.

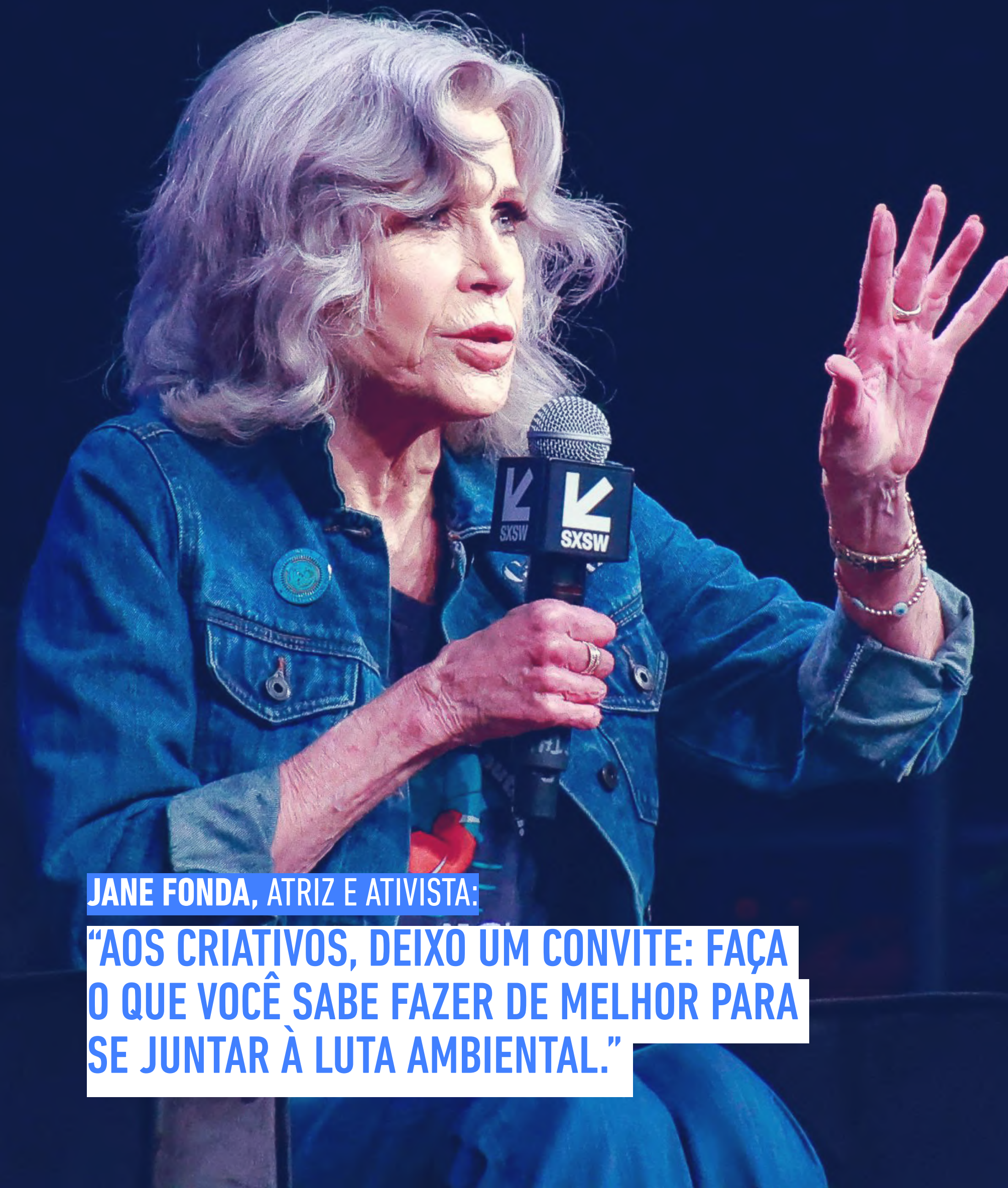
Para Firdaous El Honsali, vice-presidente global de marca para a Dove na Unilever, *creators* desempenham um papel-chave para entender reputação e *issues* em tempo real. Sua conexão com subculturas digitais e as comunidades que criam ao seu redor os tornam “um super *booster* de credibilidade e impacto” e, portanto, ouvi-los é uma fonte riquíssima de informações. “Não importa qual *feedback* venha deles, o importante é saber trabalhar em cima dos insumos que eles trazem sobre a marca”.

CULTURA E COMUNIDADES

CREATORS & CELEBRIDADES COMO PLATAFORMAS DE PERTENCIMENTO

Um *insight* que já dava sinais de sua força em 2023 é o papel de figuras públicas e influenciadores como plataformas de conexão, disseminação de conteúdo e transformação, seja ela econômica ou social. Em 2024, bons exemplos ao longo da programação do SXSW consolidaram esse movimento.

No campo do ativismo político, Jane Fonda mobilizou mentes e corações em um painel lotado e marcado por gritos e aplausos, já ao final do evento, clamando por um combate feroz à indústria de combustíveis fósseis. “Todos os facilitadores desse modelo precisam se tornar *persona non grata*”, esbravejou. “Temos que nos unir, juntar forças e nos organizar de forma estruturada para promover a mudança. Aos criativos, deixo o convite: faça o que você sabe fazer de melhor para se juntar à luta ambiental”.



JANE FONDA, ATRIZ E ATIVISTA:

“AOS CRIATIVOS, DEIXO UM CONVITE: FAÇA O QUE VOCÊ SABE FAZER DE MELHOR PARA SE JUNTAR À LUTA AMBIENTAL.”

CULTURA E COMUNIDADES

Em linha com Fonda, a ativista Ky Polanco, criadora do perfil @feminist no Instagram, contou num painel sobre como usar influência para criar mudanças positivas e que se inspirou nas feministas ancestrais para criar uma comunidade digital. Definiu assim a forma como produz conteúdo e expande sua atuação: construindo *toolkits* para pessoas se engajarem em movimentos sociais globalmente. Mas Polanco deu um passo além, e offline: “Comecei a ter conversas profundas presenciais com as pessoas, para ouvir desde histórias sobre conexão com a ancestralidade da terra, às questões em Gaza e até mesmo analistas políticos. Nada é mais forte do que deixar alguém contar suas verdades e suas histórias”, pontuou.

O senso de comunidade em torno de um tema ou causa ficou evidente também no papo inspirador com o ex-atleta de basquete Dwyane Wade, que se tornou empreendedor em diferentes projetos: tem uma marca de *skincare* focada em crianças de pele negra (Proudly), uma

produtora e uma marca de vinhos (Wade Cellars). “Em todos eles, estou buscando criar comunidade, o que creio que todos estamos buscando: encontrar algo ou alguém. Sempre disse, desde que jogava basquete, que ser parte de algo que é maior do que você é incrível, como um time; quando você tem filhos, busca o seu porquê. A vida é melhor quando somos mais do que nossa individualidade”, afirmou o atleta.

Em tempos de ampla conectividade, a conexão humana parece ser a mais desejada.

“EM TODOS OS MEUS NEGÓCIOS, ESTOU BUSCANDO CRIAR COMUNIDADE, O QUE CREIO QUE TODOS ESTAMOS BUSCANDO: ENCONTRAR ALGO OU ALGUÉM.”

DWYANE WADE

ATLETA DE BASQUETE E EMPREENDEDOR

CULTURA E COMUNIDADES

MULHERES FORTALECENDO SUAS NARRATIVAS

Um dos momentos mais disputados do SXSW 2024 foi o painel que marcou a sexta-feira, 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Com Meghan Markle (duquesa de Sussex), Brooke Shields (atriz), Katie Couric (jornalista) e Nancy Wang Yuen (socióloga), o palco do Ballroom D foi o espaço para falar da importância das narrativas femininas para o avanço das mulheres em diferentes campos. Couric, veterana do jornalismo televisivo nos Estados Unidos, falou do machismo que permeou sua carreira: desde dinâmicas fora das câmeras que privilegiavam profissionais homens até críticas ferozes de colegas resenhando sua *performance* baseada na roupa e na maquiagem que usava. Ali, ela deixou claro o poder da representação: foi a filha que lhe trouxe uma referência do entretenimento: “Certa vez, estava chorando em casa e

minha filha, então com 10 anos, apareceu e disse: ‘Mãe, lembra o que a Samantha, de *Sex and the City*, diria? Se eu for ouvir o que cada vadia de Nova York fala sobre mim, não sairia de casa’”.

O caminho, no entanto, ainda será longo: as intelectuais e palestrantes brincaram com o fato de que 2023, ano de estreia do fenômeno *Barbie*, responsável por massificar a crítica sobre o papel subalterno da mulher na sociedade, também foi o ano com o menor percentual de filmes estrelados por mulheres entre os 100 de maior bilheteria nos Estados Unidos. “Será que estamos vivendo o ano do Ken?”, brincou Nancy.

Markle não titubeou em se posicionar: “É importantíssimo para uma jovem se ver representada na tela. Se você não enxerga alguém igual a você numa posição de destaque ou de liderança, você não acredita no sucesso, passa a achar que não é possível mudar de vida”.

SURFAR UMA ONDA NÃO É PERTENCER ÀQUELA PRAIA

Um dos *downsides* da edição 2024 do SXSW foi a promessa não cumprida de painéis que explorariam a forma como a comunicação atinge a cultura de forma mais ampla. Prometeram muito, mas entregaram bem menos: *pitches* bem ensaiados de como surfar *trends* do TikTok.

Apesar de trazerem bons exemplos de *social listening* para se tornarem relevantes na economia da atenção, esses painéis acabaram revelando o perigo de achar que a cultura se resume a padrões de comportamento identificados em plataformas digitais. Revelaram ainda mais: o risco de empresas esvaziarem discussões socialmente relevantes para vender seus produtos. Afinal, viralizar não é criar comunidade, e ganhar dinheiro valendo-se do discurso de grupos sociais minorizados não é ser aliado.

Conforme resumiu a *creator* Paula Carozzo, uma mulher com deficiência escolhida para protagonizar a campanha de produtos adaptados da Victoria's Secret, as marcas precisam se comprometer a prover em excesso para grupos minorizados. "Estou cansada desse papo de que querem que eu me sinta vista, sentida e ouvida. Já passamos disso. Quero encontrar marcas e corporações que me tratem com respeito. Se meus direitos humanos mais básicos não estão sendo respeitados, não dá para estabelecer essa relação. Você não está interessado nem preocupado comigo. O tokenismo está aí, todos os dias. Quero encontrar marcas que me apresentem soluções".

DIVERSIDADE E ACESSIBILIDADE

Inclusão e neuroflexibilidade

DIVERSIDADE E ACESSIBILIDADE

Em diversas sessões e trilhas temáticas, o SXSW conectou os temas inclusão, diversidade e acessibilidade. A mensagem foi clara: sua empresa só é de fato inclusiva se você fizer a lição de casa internamente e seus produtos e serviços considerarem a pluralidade social.

Apple, Meta e Google trouxeram os bastidores do que estão fazendo para transformarem seus produtos em ferramentas de acessibilidade e inclusão. O painel com Sarah Herrlinger, diretora global de acessibilidade da Apple, se sobressaiu nesse sentido.

Há 21 anos na casa, a executiva participou de todos os grandes desenvolvimentos de soluções de acessibilidade em produtos Apple, com especial destaque ao iPhone. “Nosso compromisso nunca foi porque alguém disse que tínhamos que cumprir essa obrigação, mas porque há realmente uma crença interna de que entregamos a melhor tecnologia quando a fazemos para todo mundo”,



DIVERSIDADE E ACESSIBILIDADE

destacou, detalhando recursos como um sistema operacional adaptado para pessoas cegas; um recurso de audiodescrição para *podcasts* no Apple Music; e inovações mais recentes, como a recriação de voz de uma pessoa por IA para portadores de doenças degenerativas que comprometem a fala.

Sarah destacou a importância de trabalhar em conjunto com a comunidade. Sempre que atualizações e novas funcionalidades são lançadas, a empresa ouve desde funcionários PCDs até centenas de comentários e *e-mails* com *feedbacks*. “Não estamos construindo para a comunidade, mas com a comunidade”, pontuou, sendo complementada pela mediadora, a jornalista, ativista e influenciadora cega Lucy Edwards. “A pior coisa que você pode fazer é desenvolver algo de que a comunidade não precisa. A chave para tudo é a comunicação”.

Já Meta e Google, em diálogo sobre seus esforços, destacaram a importância de educar pessoas sem deficiência para desenvolverem produtos e conteúdos melhores. “Isso nunca deve ser o trabalho de uma só pessoa, porque vira um peso enorme. O importante é que todos tenham as ferramentas e se eduquem para criar conteúdo inclusivo, sempre”, destacou Leanne Johnson, *head* de marketing de *hardware* no Google para os Estados Unidos.

Em outro painel, focado em desafios para a agenda de Diversidade, Equidade & Inclusão, a consultora Janice Asare resumiu bem o tópico, com uma analogia simples do ganha-ganha da acessibilidade. Rampas de acesso na calçada são pensadas para cadeirantes, mas beneficiam também a criança que está aprendendo a andar, o ciclista em trânsito pela cidade e os idosos – os quais, com sorte, nos tornaremos no futuro.



INCLUSÃO, DIVERSIDADE E ACESSIBILIDADE

Em diversas sessões e trilhas temáticas, o SXSW conectou os assuntos inclusão, diversidade e acessibilidade. A mensagem foi clara: sua empresa só é de fato inclusiva se fizer a lição de casa, refletindo internamente, nas equipes, e externamente, nos produtos e serviços, a pluralidade social.

DIVERSIDADE E ACESSIBILIDADE

DE&I NA GELADEIRA DE UNS...

O avanço da agenda conservadora pelo mundo e a polarização política têm ameaçado os avanços da agenda de Diversidade, Equidade & Inclusão, conforme pontuaram duas especialistas da área, Janice Asare, consultora de DE&I, e Leah Goodrige, advogada e ativista por moradia em Nova York.

Nos Estados Unidos, legislações estaduais têm perseguido pessoas trans (proibindo o acesso a tratamentos hormonais), mulheres (com o cerceamento do direito ao aborto em diferentes níveis) e outros grupos minorizados. O Texas, por exemplo, iniciou 2024 proibindo qualquer política afirmativa em universidades, seja na seleção de alunos, no fortalecimento de grupos de afinidade ou mesmo na contratação de profissionais.

Ao mesmo tempo, passados quase 4 anos da morte de George Floyd, empresas que entraram nessa agenda para

surfear nessa onda estão se desconectando dela: áreas inteiras têm sido demitidas, e a responsabilização é terceirizada a consultores externos e aos times demitidos, nunca à liderança das empresas. “Quando vemos avanços de grupos sub-representados, sobretudo da comunidade negra, o *backlash* cresce”, pontuou Janice. “Tenho conhecidos que estão saindo do LinkedIn para não serem vistos e evitar ataques por trabalharem com o tema”, acrescentou Leah.

A equação é complexa. Mesmo marcas com um longo histórico de compromisso se veem voltando atrás: uma semana após o SXSW, a Unilever, que celebrou tantas vezes o trabalho politizado e independente com a Ben&Jerry’s, honrando as premissas de seus fundadores, decidiu desmembrar sua operação de sorvetes do restante da empresa. A motivação inicial é financeira, mas analistas consideram que a contundência da marca em condenar os ataques à Gaza por Israel está acelerando uma possível venda da operação.

DIVERSIDADE E ACESSIBILIDADE

... E NO FORNO DE OUTROS

Já com relação às empresas que não titubearam no compromisso com a agenda de DE&I, as ativistas esperam mudanças e aprofundamento nas políticas corporativas. Saem de cena os discursos externos e ações de sensibilização e chegam medidas para causar impacto real. “Vamos ver uma verdadeira metamorfose, com empresas focadas em entender quais são os problemas reais e como enfrentá-los, implementando as medidas que tragam mudança”, prevê Janice. “Não adianta horas e horas de mentoria se não há uma cobrança pelo clima que os líderes estão criando na empresa”.

Responsabilização de lideranças, transformação do ambiente de trabalho e discussões mais profundas sobre interseccionalidade darão a tônica daqui em diante, o que vai exigir ainda mais força e alianças internas. “É importante encontrar a comunidade de quem quer mudar o ambiente de trabalho”, disse Janice. Leah, então, brinca: “De fato, até podemos dizer que não estamos no trabalho para fazer amigos, mas ajuda bastante se você os faz”.

“VAMOS VER UMA VERDADEIRA METAMORFOSE, COM EMPRESAS FOCADAS EM ENTENDER QUAIS SÃO OS PROBLEMAS REAIS E COMO ENFRENTÁ-LOS, IMPLEMENTANDO AS MEDIDAS QUE TRAGAM MUDANÇA.”

JANICE ASARE
CONSULTORA DE DE&I

DIVERSIDADE E ACESSIBILIDADE

NEURODIVERSIDADE E AMBIENTE DE TRABALHO

O que é irritante para uma pessoa neurotípica pode ser debilitante para uma pessoa diagnosticada como neurodivergente. Esse foi o ponto de partida de uma conversa detalhada conduzida por Tom Polucci e Kay Sargent, executivos do escritório de arquitetura HOK, que há oito anos pesquisa o impacto do ambiente físico de trabalho na rotina de profissionais com algum diagnóstico de neurodivergência.



DIVERSIDADE E ACESSIBILIDADE

A abordagem do escritório condensa um caminho para diferentes discussões sobre o futuro do ambiente de trabalho: é preciso criar espaços (inclusive físicos) que sejam estimulantes na medida certa para diferentes perfis. Polucci e Sargent destacaram o aumento de pessoas se descobrindo neurodivergentes ao longo dos anos e, em linha com outros painéis sobre acessibilidade, revelam que criar um ambiente saudável para uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é positivo também para uma pessoa neurotípica que tem dificuldades de ser produtiva num ambiente mais barulhento.

“O que descobrimos ao longo do tempo é que cada pessoa é impactada por estímulos sensoriais. Você não precisa ter um diagnóstico para se incomodar com som, temperatura ou luminosidade”, disse Kay. Os especialistas advogam pela centralidade do termo “neuroflexibilidade”

no desenvolvimento de espaços corporativos e de políticas empresariais, permitindo que as pessoas se coloquem de forma mais integral no trabalho – e, assim, performem com mais sucesso na resolução dos desafios cada vez mais complexos que a vida profissional apresenta na contemporaneidade.

“O QUE DESCOBRIMOS AO LONGO DO TEMPO É QUE CADA PESSOA É IMPACTADA POR ESTÍMULOS SENSORIAIS. VOCÊ NÃO PRECISA TER UM DIAGNÓSTICO PARA SE INCOMODAR COM SOM, TEMPERATURA OU LUMINOSIDADE.”

KAY SARGENT
EXECUTIVO DA HOK

EDUCAÇÃO

Tecnologias imersivas
e base escolar antirracista

EDUCAÇÃO

Dentro do ecossistema *South by*, o tema educação é tratado, principalmente, no festival *SXSW EDU*, realizado entre 4 e 7 de março. A edição deste ano foi marcada por diferentes temas que apontaram para a mesma direção: o desafio de educadores, gestores educacionais, estudantes e empresários do setor diante da exponencialidade de tecnologias como a Inteligência Artificial.

Enquanto muitos palestrantes apontaram soluções para tornar o ambiente educacional mais diverso e inclusivo, outros analisaram oportunidades e desafios de ferramentas baseadas na IA generativa dentro das escolas e universidades.

Na área dedicada à exposição, chamaram a atenção as soluções baseadas em Inteligência Artificial e realidades estendidas (XR). Criada em Austin, sede do festival, a plataforma imersiva *StudentVerse* tem como objetivo

melhorar o envolvimento dos estudantes e combater a queda nas taxas de retenção verificada com o ensino tradicional. Para isso, ela usa um ecossistema baseado no metaverso para atrair e incluir estudantes no sistema educacional, independentemente de sua localização geográfica. A Universidade do Texas e a Universidade de Nevada, ambas nos Estados Unidos, já utilizam a tecnologia.

Já a empresa United Robotics Group levou à feira simpáticos robôs que atuam tanto como assistentes em sala de aula quanto como professores de *coding* (programação), disciplina que se tornou essencial no contexto do surgimento de novas profissões.

O *SXSW EDU* foi marcado por diferentes temas que apontaram para a mesma direção: o desafio de educadores, gestores educacionais, estudantes e empresários do setor diante da exponencialidade de tecnologias como a Inteligência Artificial.

EDUCAÇÃO IMERSIVA

Uma das formas de a escola engajar estudantes em torno do aprendizado e, também, de causas sociais é adotar o que já faz parte das jornadas de entretenimento deles. Nesse sentido, o *game* imersivo *Roblox* apresentou exemplos de projetos que avançam na esteira de sua popularidade. Um deles é o *Robo.Co*, destinado ao ensino de robótica.

Na área de exposição do festival, houve predominância de empresas oferecendo soluções baseadas em *games*, metaverso e programação. Com foco na reformulação de espaços e grades educacionais, a EdFarm, organização baseada no estado norte-americano do Alabama, realiza pesquisas com estudantes para propor soluções às instituições. O foco tem sido programas baseados na linguagem de códigos e na criação de espaços e conteúdos imersivos a partir do amplo uso de ferramentas digitais.

Ainda no campo que une educação e entretenimento, o *SXSW EDU* colocou em pauta o conceito de *storyteaching*, que alia o ensino às narrativas lúdicas. A empresa que melhor materializa a ideia é a Encantos, plataforma de ensino de histórias que capacita os *creators* para ajudar as crianças a aprenderem as competências do século XXI.



CRITICAL RACE THEORY E A BASE ESCOLAR ANTIRRACISTA

Um dos temas mais controversos na agenda política estadunidense atualmente foi protagonista na edição deste ano do *SXSW EDU*: a *Critical Race Theory* (ou teoria crítica de raça). Trata-se de um modelo teórico que busca explicar as desigualdades raciais nos Estados Unidos. Nele, explica-se que a discriminação de uma pessoa por causa de sua raça não é um problema que existe apenas nos indivíduos, mas que foi transferido para as estruturas sociais em que vivemos e acaba se refletindo nas instituições e nas leis.



EDUCAÇÃO

Figuras como o ex-presidente Donald Trump e o governador da Flórida, Ron DeSantis, culpam a teoria por “criminalizar a população americana branca e aprofundar as divisões raciais”. Organizações conservadoras também se posicionam contra o avanço da temática no ambiente escolar, até mesmo conduzindo manifestações na frente de escolas.

Expoente da teoria e criadora do conceito de interseccionalidade, a pesquisadora e professora da Faculdade de Direito da Universidade de Columbia Kimberlé Crenshaw defendeu na abertura do *SXSW EDU* que a teoria crítica da raça deveria ser incorporada ao currículo escolar estadunidense. “É a forma mais eficiente de mudarmos, na base, inverdades e preconceitos que vão se consolidando como verdades ao longo da vida das pessoas”, analisou.

Ciente dos desafios, Kimberlé disse que nos estados com orientação mais progressista essa discussão está avançada, mas tende a se estagnar caso o republicano Donald Trump vença as eleições presidenciais deste ano nos Estados Unidos. Nesse contexto, ela usou o palco do SXSW para fazer uma convocatória: “Independentemente de termos o tema organizado como disciplina ou não, é nosso dever, como educadores, contribuir para a educação de cidadãos antirracistas”. Como resposta, ouviu gritos de aprovação e aplausos.

“INDEPENDENTEMENTE DE TERMOS O TEMA ORGANIZADO COMO DISCIPLINA OU NÃO, É NOSSO DEVER, COMO EDUCADORES, CONTRIBUIR PARA A EDUCAÇÃO DE CIDADÃOS ANTIRRACISTAS.”

KIMBERLÉ CRENSHAW

PROFESSORA DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE COLUMBIA

ENERGIA E CLIMA

Geotermia e bioeconomia

ENERGIA E CLIMA

A busca por fontes de energia limpas e sustentáveis ganhou destaque no SXSW 2024, com palestras abordando o potencial disruptivo da fissão nuclear e da energia geotérmica. Especialistas como Caroline Cochran, da Oklo Inc., e Jamie Beard, do Project Innerspace, compartilharam suas visões e avanços tecnológicos, sinalizando um futuro energético mais promissor e sustentável.

Transformações na energia atômica

Caroline Cochran apresentou uma visão revolucionária para a energia nuclear, com a Oklo Inc. desenvolvendo usinas de fissão rápida que utilizam resíduos nucleares reciclados como combustível. Essas miniusinas prometem ser mais seguras, não necessitando de água para seu resfriamento e sendo capazes de gerar energia de forma limpa e acessível. Esse avanço representa um passo significativo para reduzir o impacto ambiental da energia nuclear e maximizar sua eficiência.

O despertar da energia geotérmica

Jamie Beard destacou o imenso potencial da energia geotérmica, uma fonte subutilizada de energia limpa com capacidade de escalar globalmente de gigawatts para terawatts. Iniciativas como o GeoMap, que emprega algoritmos de aprendizado de máquina para mapear recursos geotérmicos e demanda energética, são essenciais para explorar essa fonte abundante e onipresente de energia.

Desafios e oportunidades para o futuro energético

Cochran e Beard discutiram a importância de superar os desafios regulatórios e de financiamento para a adoção de suas tecnologias energéticas. O investimento em projetos pioneiros, especialmente nos países do Sul Global, surge como uma necessidade urgente para viabilizar essa transição energética.

ENERGIA E CLIMA

UM NOVO HORIZONTE PARA A ENERGIA

O financiamento de novas formas de produção de energia é caro e até pouco tempo atrás interessava apenas aos governos. No SXSW ficou evidente que as *big techs*, desesperadas por energia barata para treinar modelos de inteligência artificial, estão liderando os investimentos nessa área. A Oklo, por exemplo, tem um acordo com a OpenAI. “A tecnologia de fissão avançada, usando resíduos nucleares reciclados, oferece um novo paradigma para energia limpa”, pontuou Caroline Cochran.





MAS ESSAS NOVAS FORMAS DE ENERGIA SÃO REALMENTE SEGURAS?

Ambas não são tão novas assim. Desde desastres como o de Chernobyl, a energia atômica se reinventou com foco em segurança, e a energia geotérmica se aproveitou de todos os aprendizados de exploração de petróleo. Em resumo, ninguém está reinventando a roda, mas aproveitando tecnologias em desenvolvimento que não viam a luz do dia por falta de investimento financeiro.

São esperadas grandes parcerias de *big techs* com indústrias de energia e uma avalanche de dinheiro na publicidade, para posicionar essas empresas como referência em ESG e esclarecer à opinião pública que a fissão nuclear não tem os mesmos riscos que a fusão nuclear.

ENERGIA E CLIMA

BIOECONOMIA E O PODER DA FLORESTA

Em sua presença no SXSW, a Natura lotou um salão para falar de bioeconomia. Em conversa moderada pela diretora de sustentabilidade da Natura & Co., Angela Pinhati, um vídeo mostrou como o apoio à economia da floresta ao longo de 20 anos, desde o lançamento da linha Ekos, contribuiu para a preservação de 2 milhões de hectares de floresta amazônica.



ENERGIA E CLIMA

Esse é um movimento importante do ponto de vista corporativo, mas ainda pequeno diante do desafio de preservar um bioma que, somente entre 1985 e 2021, teve 75 milhões de hectares desmatados, ou seja, 2 milhões de hectares destruídos ao ano. O problema, na visão das ativistas convidadas para a mesa – a advogada e ativista do clima norte-americana Colette Pichon e a ativista indígena brasileira Txai Suruí –, é essencialmente o capitalismo, por promover um modelo extrativista; a incapacidade política de atacar os motivadores da destruição do meio ambiente; e a incapacidade da sociedade civil de transformar mobilização em mudanças reais.

“Temos uma visão para 2050, mas nosso deadline é 2030” pontuou Collette, lembrando que, se não reduzirmos as emissões pela metade até 2030, vamos pavimentar um futuro de caos climático.

Já Txai Suruí pediu apoio aos povos originários no enfrentamento dos destruidores de biomas como a Amazônia. “Nós nas comunidades indígenas somos os primeiros a sofrer as consequências da emergência climática. E nós sabemos que o futuro é ancestral. Precisamos trazer o que já conhecemos. Podemos unir o conhecimento ancestral e a tecnologia para mudar o mundo”, afirmou.

“NÓS NAS COMUNIDADES INDÍGENAS SOMOS OS PRIMEIROS A SOFRER AS CONSEQUÊNCIAS DA EMERGÊNCIA CLIMÁTICA. E NÓS SABEMOS QUE O FUTURO É ANCESTRAL. PRECISAMOS TRAZER O QUE JÁ CONHECEMOS. PODEMOS UNIR O CONHECIMENTO ANCESTRAL E A TECNOLOGIA PARA MUDAR O MUNDO.”

TXAI SURUÍ
LÍDER INDÍGENA E ATIVISTA AMBIENTAL

■ PRAGMATISMO, TRANSPARÊNCIA E CONSISTÊNCIA

As discussões da trilha temática Mudanças Climáticas indicaram de forma bastante clara que os desafios que nos esperam a partir de 2050 exigirão pragmatismo, transparência e consistência.

Pragmatismo para entender e dar nome aos principais *drivers* de redução de emissão de gases que aceleram o aquecimento global. Em uníssono, ativistas e cientistas cravaram: é a indústria dos combustíveis fósseis. Ela precisa ser taxada, punida e constrangida a se reinventar – ou deixar de operar de forma massiva – na mesma medida em que incentivos fiscais e esforços econômicos sejam depositados em fontes de energia limpa e renovável, como sol e vento.

Transparência para atravessarmos esse período: se nada for feito de forma substancial até 2030, a meta de 2050 não será alcançada. As empresas precisam deixar evidente que estão dispostas a sacrificar resultados financeiros para consertar problemas que historicamente as beneficiam. Governos precisam legislar e fiscalizar em prol do clima, e não de empresas poluentes que financiam suas campanhas. A sociedade civil precisa se mobilizar, gerar informação de qualidade e palatável que eduque e traga ainda mais pessoas para fazer pressão pública.

Consistência para entregar de forma perene, crescente e constante os resultados que não nos joguem no poço do caos como consequência das más decisões tomadas nas últimas décadas.

CIDADES E MOBILIDADE

Multifuncionalidade e sustentabilidade

CIDADES E MOBILIDADE

Centros urbanos do mundo todo têm lidado com desafios advindos dos efeitos da pandemia, como o esvaziamento das áreas comerciais (em Austin, cerca de 40% dos escritórios ainda estão vazios), o aumento da população em situação de rua, o acirramento dos engarrafamentos e a gentrificação. Em diferentes painéis e *workshops*, o SXSW destacou que a resolução de grande parte desses problemas, contudo, não pode ser feita da noite para o dia. Adaptar os espaços vazios das áreas comerciais para outros usos, como moradias acessíveis ou dispositivos urbanos multiusos (como museus ou bibliotecas), leva tempo e exige mais do que tecnologia: exige também a colaboração dos legisladores municipais, estaduais e federais. Ainda que tentem se apoiar em IAs generativas para ajudar a pensar em novas iniciativas, a verdade é que a capacidade de imaginar uma cidade melhor tem sido um dos maiores desafios dos urbanistas.



CIDADES E MOBILIDADE

IA PARA DIMINUIR BUROCRACIAS

Dois diferentes casos chamaram a atenção na forma como alguns governos municipais estão fazendo uso de IA em prol de uma melhor gestão pública.

Na cidade canadense de Kelowna, processos de IA estão sendo utilizados para acelerar a entrega das licenças de habitação ou de funcionamento de estabelecimentos da cidade. “Treinamos a IA para compreender a nossa lei de zoneamento e a nossa legislação. Dessa forma, assim que você colocar o seu endereço e o que você deseja construir, a IA vai te dizer em tempo real, baseada na informação e no endereço, se você está ou não apto a fazer essa construção”, explicou Jazz Pabla, líder global de IA e estrategista de transformação digital para a cidade

de Kelowna. Já na cidade de Tampere, na Finlândia, um sistema de IA usa como base as imagens do monitoramento de câmeras do município, bem como a previsão do tempo e o calendário de eventos do ano, para prever o movimento esperado para a cidade nos próximos 30 dias.

“TREINAMOS A IA PARA COMPREENDER A NOSSA LEI DE ZONEAMENTO E A NOSSA LEGISLAÇÃO. DESSA FORMA, ASSIM QUE VOCÊ COLOCAR O SEU ENDEREÇO E O QUE VOCÊ DESEJA CONSTRUIR, A IA VAI TE DIZER EM TEMPO REAL, BASEADA NA INFORMAÇÃO E NO ENDEREÇO, SE VOCÊ ESTÁ OU NÃO APTO A FAZER ESSA CONSTRUÇÃO.”

JAZZ PABLA

LÍDER GLOBAL DE IA E ESTRATEGISTA DE TRANSFORMAÇÃO DIGITAL PARA A CIDADE DE KELOWNA

CIDADES E MOBILIDADE

ESPAÇOS PÚBLICOS MULTIFUNCIONAIS

O distanciamento social, tão importante na temporada pandêmica, tornou-se um desafio no momento de retomada de espaços públicos como bibliotecas, parques e museus. Uma das propostas para incentivar a reocupação desses espaços tem sido transformá-los para que possam cumprir uma multiplicidade de funções sociais, às vezes para além das que foram inicialmente projetados para cumprir.



CIDADES E MOBILIDADE

Um exemplo disso foi uma ação do Museu Americano de História Natural, em Nova York, que promoveu uma campanha de vacinação contra covid-19 dentro de suas instalações. De forma lúdica, o museu convidou a população a se vacinar “debaixo da baleia” que existe em um de seus átrios. A iniciativa se tornou não apenas uma forma de promover a vacinação, mas também a chance de comunicar sobre ciência para um novo público.

A construção de espaços para convívio social, segundo a arquiteta Jeanne Gang, exige dos profissionais um cuidado em “arquitetar o [uso do] espaço antes de arquitetar o edifício”. Ou seja, é preciso pensar no significado que aquela edificação terá para o público, antecipando seus potenciais usos expandidos. Muitos dos locais públicos podem eventualmente servir também como centros comunitários, e esse entendimento deve fazer parte do planejamento arquitetônico.

Gang cita como exemplo a nova ala do próprio Museu Americano de História Natural, desenhada por ela, que apostou em formas orgânicas e ambientes mais abertos, que permitem tanto o deslumbramento com a arquitetura quanto o encontro fortuito com outros visitantes e outras exposições.



CIDADES E MOBILIDADE

MOBILIDADE ACESSÍVEL E INCLUSIVA

Há também um entendimento de que a tecnologia pode apoiar a acessibilidade e a inclusão de pessoas com dificuldade de mobilidade nas cidades. Um caso simples tem a ver com a movimentação urbana de pessoas com mobilidade reduzida, algo que ficou facilitado com a chegada dos carros por aplicativos, como o Uber. Hoje, a tecnologia permite que um cadeirante solicite o carro adaptado pelo *app* e sinalize onde gostaria que o motorista o encontrasse.

Outros tipos de tecnologia de vestir também auxiliam pessoas com deficiência visual em uma mobilidade mais independente. É o caso do Haptic, braçadeira inteligente que sinaliza por meio de vibrações quando um maratonista com deficiência visual está saindo do “corredor” em que precisa ficar para cumprir a prova. A ideia de usar a vibração como recurso tátil de indicação de rota faz com que o dispositivo possa ser aceito universalmente, já que, independentemente do idioma falado, a pessoa saberá reconhecer o que a vibração está sinalizando.



ELÉTRICOS: CLIP TRANSFORMA QUALQUER BIKE EM VERSÃO ELÉTRICA

A proposta estava disponível no pavilhão de exposições do SXSW e apresenta um *gadget* que se acopla a qualquer modelo de bicicleta, transformando-a em uma opção elétrica e sustentável. Existem modelos com bateria embutida e, também, removível, para viajantes internacionais que quisessem levar o modelo para casa (a bateria não pode ser despachada).

GABINETES DE TELEFONIA VIRAM ESTAÇÕES DE CARREGAMENTO

Desafio da mobilidade elétrica, a malha de estações de carregamento de carros elétricos ainda é insuficiente caso a frota venha a aumentar nos próximos anos. No Reino Unido, o BT Group está trabalhando para transformar os gabinetes de infraestrutura de telefonia obsoletos em estações de recarga elétrica. Como os gabinetes já estão conectados à malha de fornecimento energético, a proposta parece ser de fácil implementação e ainda permite que conexões de telefonia mais modernas, como o cabeamento por fibra óptica, siga coexistindo com o carregamento veicular elétrico.





DELIVERY AUTÔNOMO

Quem andava pelas ruas de Austin durante o SXSW 2024 provavelmente cruzou com um robzinho autônomo nas calçadas. Mais baixo que um frigobar, trata-se de um dispositivo autônomo para fazer pequenas entregas, capaz de circular tanto pelas ruas quanto pelas calçadas. Segundo Anjali Naik, COO e cofundadora da Cartken, plataforma de robôs autônomos parceira do Uber Eats, a estratégia é fazer uso desses pequenos robôs de direção autônoma para fazer as chamadas “entregas de última milha” (de cerca de 1,5 km) até o consumidor final.

CIDADES E MOBILIDADE

AÉREO: eVTOL NÃO É UM CARRO QUE VOA, É UMA AERONAVE

Conforme o projeto do veículo de decolagem vertical e voo horizontal, conhecido como eVTOL, se aproxima da realidade, os *experts* do setor reforçam uma diferença importante desse tipo de transporte: não se trata de um carro que voa, mas, sim, de uma aeronave de dimensões diminutas, que precisa passar por todas as inspeções e certificações exigidas para veículos aéreos.



CIDADES E MOBILIDADE

“O que me preocupa [em achar que são carros voadores] é que isso evoca uma imagem de que o meu vizinho vai decolar e voar até o trabalho. Estamos falando de aeronaves completamente certificadas pela FAA e por outras agências reguladoras do mundo todo, e que serão conduzidas por pilotos profissionais”, reforçou Bryan Willows, diretor de mobilidade aérea avançada do Bristow Group.

Essa distinção faz sentido inclusive se lembrarmos de que, de acordo com a Organização Internacional de Aviação Civil (ICAO, na sigla em inglês), a aviação é hoje a primeira forma de transporte ultrassegura da história. Isso significa que, para cada 10 milhões de ciclos (decolagem e pouso), existe menos de uma falha catastrófica.

Uma das preocupações dos especialistas tem sido encontrar meios de fazer com que a mobilidade aérea não seja apenas uma opção de luxo, mas acessível a camadas das mais diversas origens socioeconômicas. Para isso, além de considerar essa questão ao planejar a forma de incluir esse transporte nas cidades, há também a expectativa de que os voos com eVTOL fiquem mais baratos com o passar do tempo.

Uma pesquisa recente conduzida pela Eve Air Mobility em Miami apontou que um voo de eVTOL de cerca de 30 quilômetros custaria em torno de US\$ 150, o que ainda é um valor bastante alto para tornar esse meio de transporte acessível. Uma das formas que estão sendo discutidas para baratear esse formato de mobilidade aérea tem a ver com a ampliação da formação de pilotos para essas aeronaves.

CIDADES E MOBILIDADE

SENSAÇÃO DE LENTIDÃO É BUSCA POR SEGURANÇA

Uma crítica que os reguladores escutam com frequência é que os governos não estão conseguindo acompanhar a velocidade das inovações no transporte aéreo. No entanto, na visão de Shawn Kozica, da FAA, entidade norte-americana responsável por regulamentar a aviação civil nos Estados Unidos, o que acontece é que essas instituições têm por premissa básica confirmar e garantir que os novos desenvolvimentos sejam seguros o suficiente para que possam, então, ser escalados e popularizados. “Um dos nossos principais desafios é conseguir balancear a inovação que vem dessas pessoas inteligentes que estão criando novos jeitos de fazer as coisas e a necessidade que nós temos de garantir que

tudo está sendo feito de forma segura”, ponderou. “No final do dia, nosso objetivo é garantir segurança acima de tudo. Somos pagos [por meio dos impostos] para fazer exatamente isso”, defendeu Kozica, concluindo que o objetivo não é ser tão veloz quanto a inovação, mas garantir a segurança de todo novo dispositivo aéreo.

“UM DOS NOSSOS PRINCIPAIS DESAFIOS É CONSEGUIR BALANCEAR A INOVAÇÃO QUE VEM DESSAS PESSOAS INTELIGENTES QUE ESTÃO CRIANDO NOVOS JEITOS DE FAZER AS COISAS E A NECESSIDADE QUE NÓS TEMOS DE GARANTIR QUE TUDO ESTÁ SENDO FEITO DE FORMA SEGURA.”

INNOVATION AWARDS



A premiação SXSW Innovation Awards foi criada há 25 anos para reconhecer as ideias mais inovadoras do ano, a partir da análise de um júri escalado pelo festival para a missão. São inscritos projetos muitas vezes criados dentro do ambiente das universidades ou por *startups*. Alguns deles já se encontram acelerados ou incubados; outros, ainda aguardando o empurrão que precisam para escalar. Nas páginas a seguir, detalhamos os vencedores deste ano.

INICIATIVAS E PROJETOS MAIS INOVADORES DO ANO

Artificial Intelligence

TRUVETA (EUA)

A Truveta desenvolveu um modelo de linguagem que usa IA para coletar, limpar e analisar dados de registros médicos nos Estados Unidos. Essa rica *database*, voltada para pesquisadores, disponibiliza informações extremamente precisas e atualizadas sobre tratamentos de pacientes e seus respectivos resultados. Seu mantra é: “salvando vidas com dados”.

Audio Experience

SPOKE (UK)

O aplicativo combina música, técnica de psicologia e práticas de meditação, oferecendo sessões terapêuticas personalizadas, em áudio, de acordo com o humor e a necessidade de cada um – além, é claro, de se adequar a suas preferências musicais. Com foco na saúde mental, pode ajudar a dormir, a aumentar a concentração, a relaxar, a se motivar, e por aí vai.

Climate Change

TOM FORD PLASTIC INNOVATION ACCELERATOR (EUA)

A iniciativa busca impulsionar a adoção em massa de materiais inovadores alternativos ao plástico, a fim de preservar os oceanos. Três empresas serão “aceleradas”: Sway, Zerocircle e Notpla, que criaram soluções à base de algas marinhas e venceram o prêmio Plastic Innovation, promovido por Lonely Whales e Tom Ford. Agora, o foco é escalar a utilização desses materiais.

Community Empowerment

**AYA CONTIGO APP
(CANADÁ)**

O aplicativo acompanha virtualmente mulheres em uma jornada segura de aborto (via medicamentos). Fornece informações, suporte virtual e conexão a uma rede de apoio, a fim de evitar procedimentos arriscados. A plataforma foi cocriada na Venezuela (onde o aborto é ilegal), com foco prioritário na saúde de mulheres que vivem em contextos marginalizados. Também está disponível nos Estados Unidos.

Health & Biotech

**DERMASENSOR
(EUA)**

O DermaSensor, recentemente aprovado pela U.S. Food and Drug Administration (FDA), é um dispositivo à base de IA que ajuda os médicos a detectarem o câncer de pele de forma rápida e não invasiva. O *device* examina lesões na pele e, dependendo do resultado, emite imediatamente um alerta para o médico sobre o risco de câncer e a necessidade de investigar o caso mais detalhadamente.

Interface Design

LUNE (EUA)

Lune é uma espécie de amplificador inteligente que ajuda quem toca ou quer finalmente aprender a tocar guitarra ou violão. Reúne várias ferramentas em um só *device*, ajudando a criar, gravar, filmar e compartilhar músicas. É uma combinação de tecnologia de ponta com a arte de tocar.

Product Design

MIROKA (FRANÇA)

O protótipo de robô foi desenvolvido pela Enchanted Tools, especializada em robôs humanoides “com personalidade” e que já havia criado o Miroki. À base de IA, Miroka tem funções utilitárias e reage ao seu entorno. Consegue reconhecer rostos e vozes, além de “responder” aos humanos por meio de alterações na expressão facial. Pode ser uma boa companhia para pacientes, principalmente para crianças em tratamento médico.

Product Design

BOOMERANG WATER (EUA)

Trata-se de um sistema de engarrafamento de água que reutiliza garrafas de alumínio ou de vidro, criadas pela própria empresa, a fim de evitar o uso de plástico. O equipamento limpa, recarrega de água e fecha as garrafas, disponibilizando-as para serem comercializadas novamente. A ideia é que o consumidor devolva os recipientes vazios, para serem reaproveitados nesse processo.

Social Media

**VIRAL NATION
(CANADÁ)**

O sistema, à base de IA, monitora o conteúdo patrocinado em redes sociais para garantir *brand safety* e proteger a reputação das marcas. A partir de diretrizes customizadas de acordo com cada marca e com os *creators* com que trabalha, a Viral Nation identifica, por exemplo, linguagens inadequadas, violação de direitos autorais, uso indevido de logos e vazamento de novos produtos, entre outras ameaças.

Urban Design

**STEEL + SPARK
(EUA)**

A empresa comercializa uma espécie de casa-contêiner, que conta com painéis solares e sistema de reutilização de água. Pode ser usada para morar, receber visitas ou ser transformada em escritório, por exemplo. Também existe a opção de instalar um conjunto de moradias transitórias nesse modelo, de modo a acomodar pessoas em situação de rua ou trabalhadores alocados em determinados projetos, entre outras opções.

WTF (What the Future)

**UBIGRO COVER
(EUA)**

Trata-se de uma cobertura para estufas que utiliza nanotecnologia para otimizar a luz do sol no cultivo de plantas. Com isso, aprimora o ciclo de crescimento, deixa as plantas mais saudáveis e melhora a produtividade da colheita. É apresentada como o futuro da agricultura, ao oferecer soluções sustentáveis e de longo prazo para aperfeiçoar o processo e o resultado do plantio.

People's Choice Award

KULTURE CITY (EUA)

A organização promove a inclusão sensorial, ajudando a criar ambientes seguros e acolhedores para pessoas com deficiência sensorial, que afeta um ou mais dos cinco sentidos dos seres humanos. Entre os serviços que a companhia oferece, estão treinamento e consultoria para a criação de ambientes inclusivos para indivíduos e empresas, assim como certificação.

Best in Show

DOTPAD (COREIA DO SUL)

É um processador que usa IA para analisar e segmentar imagens, convertendo-as, em tempo real, em gráficos táteis, mais adequados para pessoas com deficiências visuais. Qualquer conteúdo visual pode ser adaptado pelo processador. Além disso, por meio de uma parceria com a Apple, vários aplicativos foram incorporados ao projeto, facilitando o acesso de pessoas com deficiência visual a esses apps.

QUER LEVAR A PALESTRA
SXSW INSIGHTS 2024
PARA SUA EMPRESA?

FALE COM A GENTE:

CONTATO@GOADMEDIA.COM.BR

EDITOR E *HEAD* DE *INSIGHTS*

JOSÉ SAAD NETO

CURADORES – *SXSW INSIGHTS 2024*

**DANIELA DE LACERDA, EDNEY SOUZA,
EDUARDO DUARTE ZANELATO E
JACQUELINE LAFLOUFA**

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

OUVE STUDYO

REVISÃO

SIMONE OLIVEIRA

HEAD COMERCIAL E FINANCEIRO

MARIÁH CRUZ

PROJETOS ESPECIAIS – LATAM

LUCÍA RODRIGUEZ

PROJETOS ESPECIAIS – BRASIL

BEATRIZ BALGART

IMAGENS

SXSW E ISTOCK

SXSW INSIGHTS 2024

CURADORIA & CONTEÚDO

GoAd
MEDIA

OFERECIMENTO

 **uol**